

QUANDO ESCOLHERAM POR MIM

LAUREN MILLER

Tradução de
Andresa Medeiros

TORDESILHAS

AMOSTRA

Ele chegou em um envelope branco liso, o que aumentou e diminuiu sua importância ao mesmo tempo. Aumentou porque a decisão deles agora se encontrava impressa em tinta sobre um papel grosso de algodão, dando um pouco a sensação de que tinha sido gravada em pedra. E diminuiu porque não havia sobre aquele retângulo comum nada que denunciasse a grandeza de seu conteúdo, que era capaz de mudar vidas. O envelope chegou em abril, um mês antes do meu aniversário de dezesseis anos. Era uma tarde de quarta-feira que, de outra maneira, teria passado despercebida. Dezenove horas e meia depois, ele estava manchado de café e permanecia fechado.

– Só dá uma lida – Beck disse detrás de sua câmera. Ouvi o obturador disparar rápido quando ele apertou o botão, com as lentes viradas para o teto de vidro inclinado. Era a hora do almoço da quinta-feira e estávamos passando o horário vago no mesmo lugar de sempre: a sala de leitura da biblioteca pública, que não se parecia nada com uma sala de leitura nem com uma biblioteca, e sim com uma mistura de estufa e jaula de aço. Já era uma e quinze da tarde, ou seja, nós provavelmente chegaríamos atrasados à quinta aula do dia. Mas nenhum de nós estava apressado para voltar à escola. Beck queria mais fotos e eu estava distraída demais para pensar em psicologia.

– Já sei o que diz – respondi, virando o envelope nas mãos. – Ele é fino. Eu não passei.

– Uma razão ainda melhor para abri-lo – Beck apontou a câmera para a garota atrás da caixa registradora do carrinho de café. A lente se estendeu conforme ele deu um *zoom* no rosto dela. Meu melhor amigo tinha uma ligeira obsessão pela garota do café, que, por sua vez, não estava nem um pouco interessada no adolescente alto e magricelo que a perseguia de leve.

– Se eu sei o que diz, não há razão para abri-lo – afirmei, petulante.

– Sério? – Beck perguntou, finalmente me olhando nos olhos. Encolhi os ombros. Ele arrancou o envelope da minha mão e o abriu com um rasgo só.

– Ei! – gritei, esticando o braço para pegá-lo de volta. Mas Beck já estava desdobrando o papel. Um broche de lapela do tamanho de um botão escorregou da dobra da carta e caiu no chão. Encarei o objeto, que rolou alguns centímetros e parou de lado. *Por que eles me enviariam um broche? A não ser que...*

– Prezada srta. Vaughn – ouvi Beck dizer. – É nosso prazer informar que você foi aceita na Classe Acadêmica Noveden de 2032. Blá-blá-blá, o resto não importa porque VOCÊ PASSOU!

– Shhh – sussurrou a mulher à nossa frente e, com uma careta e um olhar irritado, indicou a mesa. – Isto é uma biblioteca. – Sem olhar para ela, Beck apontou a câmera em sua direção e a disparou. – Pare com isso! – a mulher exclamou.

Recolhi o broche do chão. Ele era redondo e dourado, e parecia algo que meu avô teria usado. Se bem que eu não havia conhecido nenhum dos meus avós, então não era exatamente uma especialista no gosto deles por acessórios. Guardei o broche no bolso da jaqueta e o envolvi com a mão para protegê-lo. Beck ainda estava tirando fotos.

– Não liga pro meu amigo, não – eu disse à mulher em tom de desculpas e entreguei a Beck a mochila dele. – Ele não tomou seu remédio hoje.

– Verdade – confirmou Beck, com jeito sério. Puxei seu braço com força e o arrastei até a saída.

Foi apenas quando estávamos do lado de fora, de pé na Quinta Avenida, sentindo o borrifão lateral da chuva gelada e nebulosa em nossa testa, que, enfim, me dei conta: eu tinha passado na Noveden, o que significava que estudaria lá. O processo seletivo da escola era rigoroso, mas a matrícula era fácil:

se você passasse e aceitasse uma vaga na próxima turma, eles se encarregariam de todo o resto. Transporte, moradia, mensalidade, alimentação. Tudo era pago pelo fundo de trinta bilhões de dólares da Noveden.

– Me dá! – pedi, tomando a carta da mão de Beck. Precisava ver com meus próprios olhos.

– Sabia que você iria passar.

– Até parece!

– Rory, você assiste a aulas universitárias desde a oitava série. Você editou verbetes do Panopticon porque as imprecisões históricas te incomodavam.

– Eu fiz isso *uma vez*!

Beck ergueu uma sobrancelha.

– Páginas *linkadas* contam como apenas um verbete – argumentei.

– Que seja. O que estou dizendo é que se existe alguém que, sem dúvida, deveria ir a uma escola de *nerds*, esse alguém é você.

Mas a Noveden era muito mais do que uma escola de *nerds*. O programa preparatório para a universidade – o único do tipo no país – durava dois anos e garantia aos seus graduados uma passagem gratuita para a universidade de sua escolha e, depois, um emprego em nível executivo. Para isso, bastava se formar. O que, pelo que eu tinha lido, não era pouca coisa. E isso presumindo que você conseguiria passar pela seleção, em primeiro lugar. A escola tinha duzentos e oitenta e oito alunos, ocupando uma pequena área em uma cidadezinha no oeste de Massachusetts. Eu tinha praticamente decorado o panfleto. “O estudante da Noveden guarda plena certeza de que pertence ao nosso programa”, a primeira página dizia, “ainda assim, tem a sensatez de reconhecer que não é a melhor pessoa para avaliar suas próprias habilidades. Desta forma, o estudante da Noveden se submete avidamente ao rigor do nosso processo seletivo.” “Rigor” era a palavra certa. Quatro textos de mil palavras cada, um teste de Q.I., dois exames psicológicos, recomendações de três professores e uma entrevista dolorosamente críptica com um membro do comitê de admissão. Fora intenso, mas passar na seleção era como receber um prêmio. Se o processo não fosse gratuito, eu não teria conseguido fazer

a inscrição, mas como era de graça eu me inscrevi, sem a menor cerimônia e sem contar para ninguém, exceto para Beck e meu pai. Eu não tinha “plena certeza” de que pertencia à Noveden, apenas uma sensação incômoda de que talvez fosse o caso.

– Seu guarda-chuva – lembrei Beck assim que ele saiu na chuva.

– Hum. Deixa pra lá. Já estava quebrado mesmo.

– Você não pode simplesmente deixar seu guarda-chuva, Beck.

– Por que não? Por que preciso mesmo de um guarda-chuva que me custou quatro dólares e está com duas hastes quebradas? – Ele jogou a cabeça para trás e mostrou a língua. – Além disso, acho que essa garoazinha nem conta como chuva.

– Você está com preguiça de ir buscar.

Beck pegou seu portátil, um Gemini 4 de segunda mão.

– Lux, eu estou com preguiça?

– Não sei – Lux respondeu em uma voz parecida com a de Beck. O aplicativo de decisões vinha com uma voz padrão, mas ninguém a usava. Era bem mais legal ouvir a própria voz. – Mas sei que seu guarda-chuva está localizado na entrada da Quarta Avenida. Levaria aproximadamente dois minutos e vinte segundos para reavê-lo, considerando seu ritmo médio de caminhada. Você gostaria de ir até lá agora?

– Não – Beck disse alegremente, guardando o Gemini no bolso ao sair na chuva.

– Pode deixar que eu pego – murmurei. Enfiei a carta dentro da jaqueta e corri avenida Madison abaixo. Eu não me importava que Beck deixasse o guarda-chuva para trás. Mas Lux sabia que o guarda-chuva era barato, que nos encontrávamos perto da escola e que já estávamos atrasados para a aula, e mesmo assim sugeriu que ele voltasse para buscá-lo. Ou seja, era muito importante que Beck fizesse isso.

É claro que o idiota não me esperou, e a garoa parou nos quarenta e cinco segundos que levei para buscar o guarda-chuva. Pensei em correr para alcançá-lo, mas meu tênis não era apropriado, e eu não queria arruinar minha

animação em relação à Noveden caindo na calçada. Então, coloquei os fones de ouvido e acessei minha *playlist*, deixando Lux escolher as músicas.

Encontrei Beck a algumas quadras da escola. Ele estava parado, sorrindo para o visor da câmera, e o virou em minha direção para eu ver a imagem. Era uma mulher, claramente uma moradora de rua, com os olhos fundos fitando a câmera. “Não quero seu dinheiro”, dizia o papelão segurado por ela. “Apenas olhe para mim, para eu saber que existo.” As palavras e a expressão no rosto dela já capturavam o olhar por si só, mas não era isso que fazia a fotografia ser tão fascinante. O efeito vinha das pessoas no primeiro plano: transeuntes com olhos grudados nos celulares enquanto andavam, apressados, para seja lá qual fosse seu destino, completamente alheios à mulher com o cartaz.

– Um minuto depois de eu chegar aqui, um policial ordenou que ela saísse – Beck disse e me cutucou de leve com o cotovelo, para provar seu argumento. – Fiz bem em ter deixado o guarda-chuva, hein?

– Um pequeno preço a pagar por uma fotografia como esta – concordei.

– Eu poderia fazer uma série inteira de fotos como essa – Beck disse, empolgado, enquanto retomamos nosso ritmo. Já estávamos dois minutos atrasados para a aula. Peguei meu Gemini para checar nosso tempo aproximado de chegada. Faltavam noventa e dois segundos até o *campus* e mais trinta e três até a aula de psicologia. Eu continuava olhando para a tela quando ouvi Beck dizer:

– Não seria difícil encontrar pessoas que são ignoradas por uma porção de idiotas em seus portáteis. – Como se ele tivesse acabado de me dar uma deixa, tropecei em um trecho irregular da calçada. Ele me encarou. – Sério? Você precisa checar nosso progresso a cada milissegundo? Vamos chegar lá quando chegarmos lá, Rory. Ou não vamos.

Beck tinha uma relação bem ambivalente com seu portátil. Ele possuía um, é claro, mas o usava apenas para ligações e mensagens de texto. Já eu usava o Gemini para tudo. Calendário, agenda de tarefas, o Fórum, músicas e livros – queria tudo na ponta dos meus dedos, sempre. E, é claro, queria Lux, que mantinha minha vida sob controle. Eu consultava o aplicativo

no mínimo mil vezes por dia. O que eu deveria usar? Onde deveria sentar? Quem deveria chamar para o próximo baile do colégio? Todas as decisões que poderiam ser importantes, e também a maioria das que provavelmente não eram. Exceto pela Noveden. Eu não tinha perguntado a Lux se deveria me inscrever porque temia que a resposta fosse “não”.

Nós nos separamos ao voltar para a escola, e eu segui para a aula de psicologia. Estava percorrendo meu *feed* de notícias enquanto andava, por isso não vi Hershey Clements até quase me chocar contra ela.

– Seu nome é Rory, certo? – Hershey estava parada do lado de fora da minha sala de aula; seu cabelo escuro havia sido puxado para trás e estava enrolado em um daqueles coques artísticos que se vê nas revistas mas nunca se consegue imitar. Ela tinha passado sombra e *gloss* rosa-escuro, mas não usava rímel. Maquiagem suficiente para ser intimidante sem esconder o fato de que nem precisava se maquiar. Ela era linda. E muito bronzeadada. Seus pais a tinham levado para Dubai nas férias de verão (eu sabia disso porque, inexplicavelmente, ela me adicionara como amiga no Fórum, embora nós nunca tivéssemos de fato conversado, me sujeitando às atualizações incessantes de sua viagem), e ela retornara na segunda-feira anterior com uma tatuagem de hena no tornozelo e um brilho caramelo, lembrando ao resto de nós como éramos pálidos, pobres e incultos.

– Hum, oi – eu disse. Ela parecia estar me analisando, ou medindo, talvez. O que ela queria? Com certeza queria *alguma coisa*. Hershey Clements não estaria me esperando no corredor se não tivesse algo a ganhar com isso. Garotas como ela não falavam com garotas como eu. Ela era a realeza social da Escola Pública Roosevelt e eu estava longe disso. Eu não era uma pária nem nada do tipo, mas ter como melhor amigo um menino do tipo sou-legal-demais-para-ser-legal e sem nenhuma amiga (ter a mãe morta e ser filha única tinha ferrado minha habilidade de me dar bem com outras mulheres), não era exatamente uma concorrente a garota mais popular da classe. Ainda assim, o teatrinho de eu-não-tenho-certeza-se-sei-seu-nome era uma farsa completa. Hershey sabia quem eu era. Nós vínhamos fazendo pelo menos duas matérias juntas todos os anos desde a sexta série.

– Preciso admitir, fiquei um pouco chocada quando vi seu nome – ela disse. *Qué?* – Quer dizer, sabia que você era inteligente e tudo mais, mas achava que era porque você é, tipo, obcecada com estudos e essa coisa toda. – Eu estava perdida, e Hershey percebeu. – Vi que você passou na seleção da Noveden – disse, revirando os olhos como se eu fosse uma idiota por não entender o contexto.

– Você viu? – Fazia vinte minutos que eu tinha aberto a carta e não havia postado sobre ela em nenhum lugar. Será que Beck tinha colocado algo no Fórum?

– Dã. O aplicativo é atualizado diariamente. Uma semana depois de mandarem a carta, eles colocaram seu nome na lista de admissão.

– Que aplicativo?

Hershey suspirou pesadamente, como se fosse estressante interagir com tamanha imbecil como eu. Tirou seu portátil do bolso de trás da minissaia *jeans*.

– O aplicativo da Noveden – explicou, tocando em um pequeno ícone no formato de uma árvore, igual ao desenho no broche em meu bolso. Ela segurou o celular para que eu pudesse ver.

– Espere, por que você tem...? – Algo dourado reluziu na parte interna de seu pulso. O broche da Noveden. Ela o tinha pregado no punho de seu *blazer* de caxemira. De repente, entendi. Olhei-a nos olhos. – Você também passou.

– Não faça essa cara de surpresa – ela retorquiu.

– Não estou surpresa – menti.

– Tanto faz. Não tem problema. De qualquer jeito, tenho quase certeza de que minha avó pagou para que eu passasse. Ela fez a mesma coisa com meu pai. Ei, me deixa ver seu telefone.

Ela se inclinou, pegou meu Gemini do bolso traseiro do meu *jeans* e tocou o botão Compartilhar com Outro Dispositivo.

– Pronto – Hershey disse, devolvendo o aparelho. – Agora você tem meu número. Nós devíamos ser amigas. – Como se estivesse implícito que eu *queria* ser amiga dela. Então ela se girou no salto, abriu a porta da nossa sala e entrou tranquilamente.

2

Demorou uma eternidade para agosto chegar. Em certos dias parecia que nunca chegaria, que o tempo estava passando mais devagar e que, eventualmente, pararia. Para piorar, meu pai, um homem normalmente tranquilo, havia ficado pra lá de sentimental e nostálgico, me olhando sobre a mesa de jantar, como acontece em filmes melosos de casamento. Minha madrastra agia do mesmo jeito.

Felizmente, os dois trabalhavam em tempo integral – meu pai em seu mais recente canteiro de obras e minha madrastra em uma chocolataria em Beacon Hill –, então eu ficava sozinha o dia inteiro. Passava quase a tarde toda com Beck, acompanhando-o no projeto que seu mentor da semana tivesse lhe designado. Ele fazia parte do programa nacional de aprendizes; isso significava que, pelos próximos dois anos, faria um estágio financiado pelo governo na área que ele mesmo escolhesse e, em seguida, começaria a trabalhar, sem ter que ir para a faculdade depois do ensino médio. Quando recebeu seu último projeto daquela temporada – registrar o dia na vida de um morador de Nickelsville, a última “cidade-acampamento” de Seattle –, Beck praticamente explodiu de empolgação.

Era a noite antes da minha partida, e nós tínhamos passado a tarde toda no meio das lonas fúcsia com as quais as barracas eram erguidas. O relógio já dava sete horas, e Beck tinha acumulado milhares de fotografias do morador

escolhido, um sem-teto chamado Al cuja perna esquerda fora amputada logo acima do joelho. A luz começava a se extinguir, e a tranquilidade que eu exibía à tarde havia desaparecido. Eu tinha colocado Lux no modo silencioso, mas as palavras SIGA PARA UM BAIRRO MAIS SEGURO piscavam na tela.

– Seu projeto não é registrar um *dia* na vida de alguém? – perguntei baixinho para Beck. – Não é uma noite. É melhor a gente ir para o centro.

– Durante a hora mágica? – Beck levava a câmera na frente do rosto e disparava rapidamente enquanto Al acendia uma pequena fogueira num balde de metal em sua barraca. – Rory, olhe para o céu. Esse é o sonho erótico de qualquer fotógrafo.

Torci o nariz.

– Que nojo.

– Pode ir embora, se quiser – ele disse, ainda atrás da câmera. – Sei que você tem aquele jantar com seu pai. – Eu viajaria cedo na manhã seguinte, e meu pai ia me levar para um jantar de despedida no Tortas a Sério, só nós dois. Eu tinha dito que não haveria problema nenhum se minha madrastra também fosse, mas ele insistiu em irmos sozinhos, garantindo que ela não ficaria chateada. Não acreditei muito nisso, mas estava feliz de termos um tempo só nosso em minha última noite em casa. Kari fazia muito bem ao meu pai, mas eu era ainda menos parecida com ela do que com ele. Ou seja, não tínhamos nada a ver.

– Não quero te deixar sozinho aqui – eu disse a Beck com a voz ainda mais baixa do que antes.

– Vou ficar bem – Beck respondeu, finalmente baixando a câmera e me encarando. – Em meia hora a luz vai ter ido embora, mesmo. E *ele* está aqui.

– Beck apontou para o policial sentado no carro do outro lado da rua.

– Tá certo – respondi, ainda hesitante. Havia um motivo para Lux manter pessoas como nós longe de bairros como aquele (se é que se pode chamar de “bairro” um acampamento de sem-teto). – Você pode, pelo menos, abrir o Lux? Vou me sentir melhor sabendo que ele está ativo.

– Não – Beck retrucou, agradavelmente, voltando a posicionar a câmera.

Suspirei, sabendo que se tratava de uma batalha perdida. Era perda de tempo pedir para Beck fazer isso. Ele era assim: independente da tecnologia. Gostava de seguir seu instinto, ouvir sua intuição. Dizia que era isso que fazia dele um artista. Mas eu sabia a verdade. Não era o instinto que Beck seguia. Era a Dúvida.

Ele havia começado a ouvir a voz quando ainda éramos crianças. Vários de nós a ouvíamos naquela época. Um sussurro em nossa mente nos instruindo, nos encorajando e nos fazendo acreditar no impossível, nos impelindo a ir para a esquerda quando a razão apontava para a direita. A chamada “voz interna” não era um fenômeno novo – ela era tão antiga quanto a humanidade –, mas apenas recentemente a neurociência a havia reconhecido. Por séculos as pessoas acharam que ela era uma coisa boa, uma forma de intuição psíquica. Alguns até afirmaram ser a voz de Deus. Mas agora sabíamos que o “sussurro íntimo” era apenas uma falha no circuito cerebral, algo relacionado à poda neuronal e ao desenvolvimento do lobo frontal. Chamar a voz de Dúvida fora uma estratégia de *marketing*, parte de uma grande campanha do serviço público financiada pela empresa farmacêutica criadora do remédio que a fazia desaparecer. O objetivo era lembrar às pessoas o que a voz realmente era: a inimiga da razão. Quando se manifestava em crianças, não era motivo de preocupação, apenas o efeito de uma fase crucial no desenvolvimento do cérebro, e desapareceria assim que o indivíduo crescesse e conseguisse ignorá-la. Mas em adultos era o sintoma de um transtorno neurológico que, se não fosse tratado, progrediria até o indivíduo não conseguir mais tomar decisões racionais.

A campanha de *marketing* fez o que deveria fazer, acho. As pessoas estavam surtando, e com razão. Eu estava na quinta série e ouvia a voz toda hora. Quando começamos a aprender técnicas de supressão – como afastar a Dúvida com barulho e entretenimento, distrair o cérebro com outros pensamentos e coisas do tipo –, passei a ouvi-la cada vez menos e, uma hora, ela se silenciou. O mesmo aconteceu com a maioria das crianças. Era uma coisa que se superava, como gagueira ou medo do escuro.

Mas havia vezes em que isso não acontecia. Nesses casos, a pessoa era rotulada de “hiperimaginativa” e recebia baixas dosagens de antipsicóticos até parar de ouvir a voz. Quer dizer, isso se a pessoa não fosse o Beck, que se recusou a aceitar tanto o rótulo como o antídoto farmacêutico. Em situações como essa, a voz não sumia, aparecendo em momentos aleatórios e fazendo um cérebro antes racional se questionar sem motivo aparente – exceto pelo fato de ser esse o *modus operandi* da Dúvida. Eu me preocupava com Beck e com seu futuro caso ele recebesse um diagnóstico permanente, mas também sabia como meu amigo era teimoso. Era impossível mandá-lo fazer alguma coisa, principalmente enquanto ele estivesse fotografando.

– Ei, espera aí – ouvi Beck dizer enquanto eu me dirigia até o ponto de ônibus do outro lado da rua. Quando me virei, vi que ele procurava algo no bolso. – Seu presente de despedida – ele disse, segurando uma pequena caixa de plástico tampada. Reconheci o característico *G* em letra maiúscula gravado na parte de cima. O logo da Gnosis. Eu era levemente obcecada pela marca e por seus aparelhos, que, além de serem modernos, estilosos e tecnologicamente superiores aos outros, eram completamente biodegradáveis e fabricados com materiais reciclados. – São os fones de ouvido intra-auriculares que você queria. Feitos de gel – Beck explicou enquanto eu abria a caixa. Eu estava de olho neles havia meses, mas não conseguia me convencer a gastar cem dólares em um par de fones. – E, antes de falar que eu não deveria ter gasto meu dinheiro com eles, fique sabendo que não gastei – acrescentou, antes que eu pudesse protestar. – Eu ganhei de brinde naquela sessão de fotos na qual ajudei no mês passado.

Abri um sorriso largo.

– O melhor presente da minha vida! – eu disse, apertando seu braço.

– Agora você pode ficar ainda mais obcecada pelas suas *playlists* – Beck brincou. Ele também curtia música, mas não tanto quanto eu.

– E te ouvir melhor quando você me ligar – eu disse, colocando o presente nos ouvidos. Os fones deslizaram pelo meu canal auditivo como se fossem cera derretida. Quase não dava para senti-los.

– Se você não estiver ocupada demais para atender – Beck replicou.

– Ei! Eu nunca vou estar ocupada demais para te atender.

Ele sorriu.

– Se cuide, Ro – ele disse, envolvendo meus ombros com seu braço. – E lembre-se disso: se você se der mal lá, pode voltar e ser minha assistente.

– Valeu, cara – retruquei, dando uma cotovelada em seu estômago. – E pensar que eu estava com medo de sentir saudades suas... – retorqui. Ele sorriu ao encontrar meu olhar, mas seus olhos estavam tristes.

– Também vou sentir saudades de você, Ro.

Joguei meus braços em volta de seu pescoço e o abracei com força. Depois, tornei a andar até o ponto de ônibus, tentando não chorar.

– Vai, diz logo – pedi ao meu pai. – Está na cara que você está se preparando para um discurso sobre eu deixar o ninho vazio. Pode falar. – Tínhamos acabado de dividir a última fatia de pizza, e eu estava dando uma olhada no cardápio e pensando em pedir uma vaca-preta, embora tivesse certeza de que Lux diria para eu desistir da ideia. No outro lado da mesa, meu pai torcia um guardanapo vermelho de tecido, como se estivesse nervoso com alguma coisa. Eu me preparei para um discurso brega do tipo você-cresceu-tão-rápido, e ele se esgueirou para pegar algo no assento ao seu lado.

– É da sua mãe – ele disse enquanto pousava uma caixa pequena e um envelope ainda menor na mesa, à minha frente. Esqueci o cardápio de sobremesas ao ver o presente.

A única coisa que minha mãe havia me deixado era uma manta – na qual, segundo meu pai, ela trabalhou durante todos os dias da gravidez, determinada a finalizá-la antes de eu nascer. A trama, costurada à mão em lã rosa, era baseada na sequência de Fibonacci: uma série de quadrados – cada um maior que aquele ao seu lado – que seguia uma sequência matemática e cujo encaixe formava um retângulo. Os quadrados ligavam-se uns aos outros por metades de semicírculo amarelas, feitas com pontos ainda menores que os

dos quadrados. Esses pontos formavam uma espiral dourada que ultrapassava os limites do retângulo. Nos dois extremos da espiral, marcando o começo e o fim, havia pequenos pontos cruz laranja. Era um desenho estranho para a manta de uma garotinha, mas, bem, acabei nunca gostando de flores ou de borboletas mesmo. Talvez minha mãe soubesse disso. Talvez tenha sentido que sua filhinha preferiria a estrutura, a previsibilidade e a completude matemática da espiral de Fibonacci.

Eu nunca viria a descobrir, pois ela havia morrido no meu parto, dois dias antes de completar dezenove anos. Eu nasci prematura, e devido a complicações os médicos precisaram fazer uma cesárea. Acho que uma veia de sua perna ficou bloqueada e o coágulo foi parar direto em seus pulmões. “Tromboembolismo pulmonar” era a causa declarada em sua certidão de óbito, que eu, com nove anos, havia descoberto em uma caixa no armário do meu pai, na véspera de Natal. Eu estava tentando encontrar presentes escondidos.

Fitei a caixa, e depois a ele.

– O que você quer dizer com “É da sua mãe”?

– Ela me pediu para entregar a você. – Ele deu um puxão na barba, visivelmente incomodado.

– *Quando* ela pediu para você me entregar? – Eu quis dizer “Quando ela fez o pedido?”, mas meu pai não entendeu.

– No dia em que você fosse para a Noveden – ele disse, com cuidado.

– Como assim? Não estou entendendo. Como ela poderia saber que eu ia...

– Ela também estudou lá, Rory.

– *O quê?* A mamãe estudou na *Noveden*? – eu o encarei, perplexa, enquanto ele confirmava com a cabeça. – Mas vocês fizeram o ensino médio juntos. Vocês se casaram no dia da formatura. Você sempre disse que...

– Eu sei, querida. Era o que sua mãe desejava. Ela não queria que você soubesse sobre a Noveden, a menos que decidisse sozinha estudar lá.

– E sobre o conteúdo dessa caixa também?

– Ela pediu para eu destruir tanto a caixa como o cartão se você não entrasse.

Encostei na cadeira, encarando a caixinha. Era azul-clara, tinha uma